

Demarcando um território fenício

Um estudo de caso do monumento funerário de Obispo em Cádiz

RODRIGO ARAÚJO DE LIMA¹

Introdução

A presença fenícia no Atlântico pode ser atestada já nos momentos finais do século IX a.C. Gádir / 'gdr / *Agadir* / atual Cádiz (Espanha) foi a primeira fundação semítica na Península Ibérica. O termo fenício 'gdr designa um recinto amuralhado ou mesmo uma fortaleza.

Os gregos batizaram esse lugar enquanto arquipélago das ilhas Gadeiras/ Gadira (Pausânias 1.35.8; Píndaro, *Nem.* 4; Platão, *Críticas* 114b; Estrabão 2, 5). Esse arquipélago compreenderia três ilhas: Eritéia, Cotinussa e Antípolis. Essa fundação, mesmo que fenícia, teria sido tão bem-sucedida que seu lugar não tardou em ser integrado à cosmologia mediterrânea. Gregos e posteriormente latinos se refeririam a essas ilhas enquanto um dos palcos dos feitos de Héracles/ Hércules. O semideus teria derrotado o mitológico gigante Gerioneu, durante seu décimo trabalho nessa localidade:

Virgem de Oceano, pela multiáurea Afrodite unida em amor a Aurigládio de violento ânimo, Belaflui pariu o mais poderoso dos mortais, Gerioneu, a quem matou a força de Héracles pelos bois sinuosos na circunfluida Eritéia (Hesíodo, *Teogonia*, 980, 2000).

1. Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e pelo *Department of Anthropology and Archaeology* da *University of Bristol*. Participa do Labeca Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) MAE-USP desde 2012. é bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processos: 2018/08593-4 e 2020/11832-0). E-mail: rodrigo.araujo.lima@usp.br

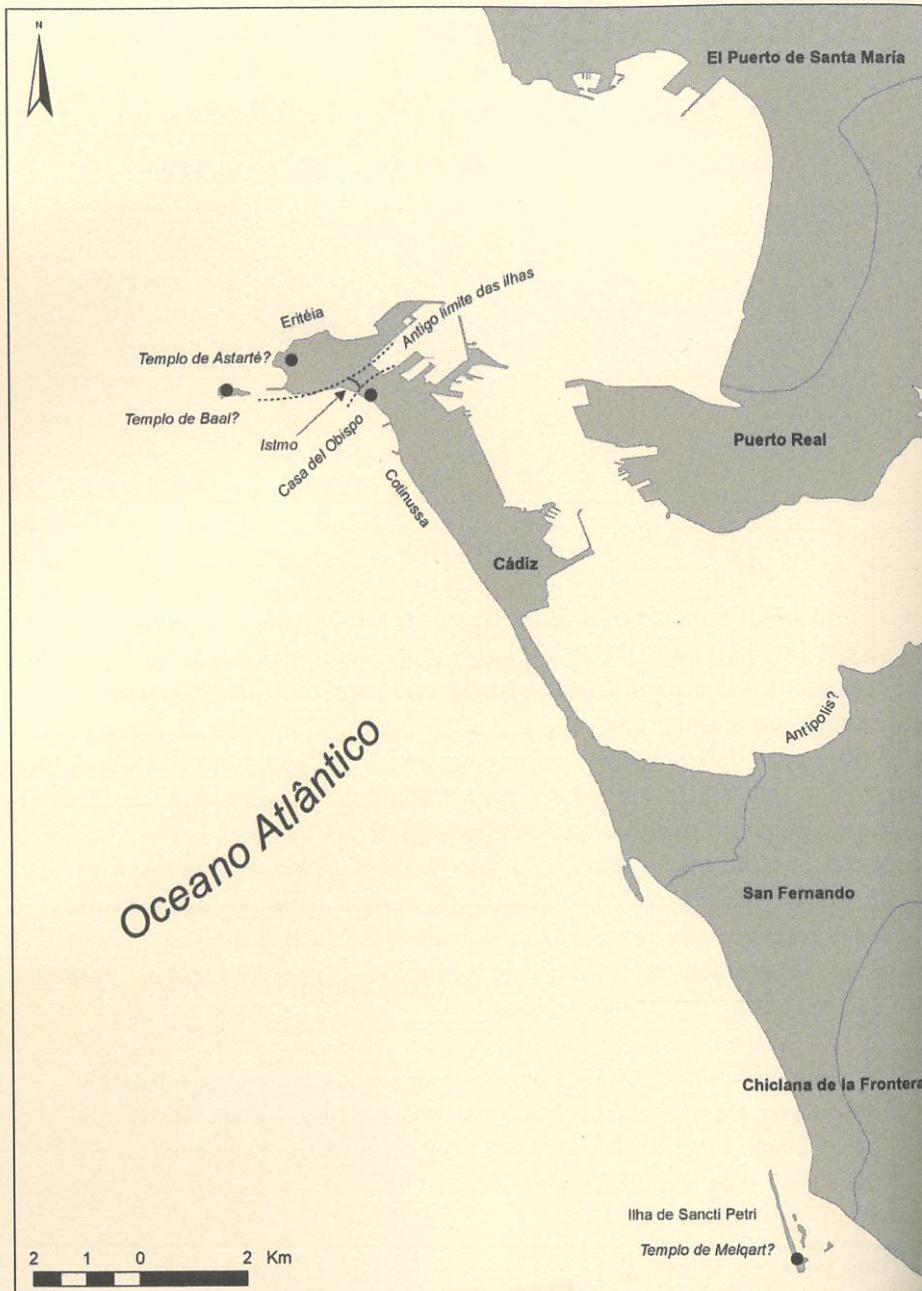


Fig.1 - Localização da Casa de Obispo na Cádiz atual. (Fonte: autor).

Da cidade fenícia o que chegou até nós são pequenos enclaves – geralmente subterrâneos e descobertos ao acaso durante uma e outra obra de edificação moderna. Um desses enclaves é o sítio arqueológico conhecido como *Yacimiento Arqueológico de Casa del Obispo*, hoje musealizado. A *Casa del Obispo* foi o antigo palácio episcopal que abrigou na Antiguidade um enterramento monumental fenício. Atualmente a Catedral de Cádiz ocupa a superfície do terreno.

No mapa (Fig. 1), podemos ver que Obispo se localizava na ilha de Cotinussa. Dada a grande quantidade de enterramentos, Cotinussa teria sido a necrópole de Gádir. Eritéia, a ilha defronte, estaria reservada para a habitação, pelo que se percebeu em seus vestígios arqueológicos durante as escavações de 2006-2010 (Zamora López *et al.*, 2010). Adiante apresentaremos as fases de ocupação que foram identificadas na área escavada da Casa de Obispo.

A primeira fase fenícia – ‘Fenício A’ (Séculos VIII a.C até começo do século VI a.C.)

Em seu primeiro nível, as escavações arqueológicas em Obispo atestaram estruturas construídas com técnicas de arquitetura tradicional de terra. Seus muros foram erguidos com argila e há algumas indicações de que moldes foram utilizados para sua construção. No entanto, essa hipótese é de difícil averiguação, dada a irregularidade das estruturas. As técnicas de taipa e de pilão² teriam sido as mais usuais para a edificação destas (Gener Basallote *et al.*, 2014). Já para sua estabilização, acredita-se que os construtores tenham erguido o conjunto usando formas angulares em formato de ‘L’ e ‘T’ por serem capazes de prevenir o colapso das paredes. Para o tratamento das paredes foram encontrados vestígios em argila vermelha. Esse procedimento, usado nos interiores, pode ser justificado pela sua própria fragilidade. Se a argila vermelha tivesse sido colocada na fachada das estruturas não teria se conservado pelo clima quente e úmido, típico da região (Gener Basallote *et al.*, 2014).

Supõe-se que essas estruturas estivessem dentro de uma maior que se delimitava em uma planta de tendência retangular orientada 64° SW-NE. O piso foi identificado como sendo feito integralmente de areias vermelhas pisadas, sem nenhum tipo de camada superior (Gener Basallote *et al.*, 2014, 125).

Foram encontradas trinta peças de material lítico, típicos das sociedades do Bronze Final na Península Ibérica. Outros achados que chamam a atenção são os fragmentos de um vaso cerâmico ovoide decorado. Essa tipologia não é

2. Técnica construtiva em que as paredes são feitas de argila socada, podendo ser misturada a outros materiais como cal, fibras vegetais e cascalho para ganhar plasticidade e resistência. Presumivelmente também se utilizava a mistura de água e areia antes da colocação das partes.

uma forma comum do sudoeste peninsular. Existem paralelos similares datados de fins do século VIII a.C. e início do VII a.C. em Cartago, no Norte da África. Contudo Gener Basallote *et al.* (2014, p. 127) afirmam que a decoração dessa cerâmica é muito parecida com fragmentos encontrados em Castillo de Doña Blanca (a aproximadamente 30km de distância). Na Antiguidade, Castillo de Doña Blanca se localizaria no litoral e não no interior das terras como atualmente, sendo possível pensar que mantivesse trocas com Gádir.

Dada a sua planta retangular, pensa-se numa possível instalação fenício colonial em ambiente insular. No que concerne o uso de material lítico de produção local no contexto doméstico, argumenta-se que teriam acontecido uniões entre homens fenícios e mulheres indígenas (Gener Basallote *et al.* 2014, p. 127). No entanto, esse dado é de difícil verificação.

Na segunda metade do século VIII a.C. essas estruturas foram abandonadas. Sobre elas encontrou-se um estrato de areia e cinzas com restos de vigas de madeira queimadas, o que indica que as construções possivelmente sofreram um incêndio e cederam. Depois desse evento ocorreu um hiato, em que não há nenhuma ocupação sucessora. Durante esse intervalo, ocorreu um acúmulo de areia, de origem eólica, formando uma camada de 40cm sobre a superfície dessa fase (Gener Basallote *et al.*, 2014).

A segunda fase fenícia – 'Fenício B' (Fins do século VI a.C.)

Infelizmente, essa é a fase de pior estado de conservação. Segundo os arqueólogos, as perturbações posteriores, do período romano, moderno e contemporâneo foram as principais responsáveis pelos impactos negativos. Mesmo assim foi possível identificar alguma mudança na técnica construtiva, como a utilização do adobe³ somado à anterior técnica construtiva de taipa. Gener Basallote *et al.* (2014, p. 127) acreditam que o adobe tenha sido empregado para dar maior sustentação ao edifício. Achados cerâmicos sugerem que essa estrutura continuou tendo uso doméstico. É difícil garantir que ela faria parte de um traçado urbano maior. Porém, há de se notar que os pesquisadores encontraram, em uma outra intervenção arqueológica nas cercanias, (a 370m de distância) restos arquitetônicos similares aos da Casa del Obispo.

3. Segundo as técnicas vernaculares de construção, o adobe é um material considerado antecessor do tijolo de barro, sendo um dos mais antigos que foi amplamente utilizado no Oriente Próximo e Médio. Para seu fabrico, argila e fibras vegetais, serragem de madeira e água são misturadas para estabilizar a terra também tendo a função de reduzir fissuras durante o processo de secagem. Posteriormente, os blocos são moldados e secados naturalmente.

Em relação à ilha defronte, Eritéia, com materiais arqueológicos mais antigos (Fig. 1; ver Zamora López, 2010), os autores sugerem que Cotinussa fosse uma área extra-urbana (Gener Basallote *et al.*, 2014, p. 128).

O último momento dessa fase (finais do século VI a.C.) pode se resumir no enterramento de um indivíduo de grande prestígio no interior de um monumento funerário. Esse monumento dista propositalmente do restante da necrópole gadirita, cujas sepulturas estão concentradas a sudoeste.

Não se sabe ao certo como a instalação desse enterramento ocorreu. Existem duas possibilidades em consideração: 1) o indivíduo pode ter sido enterrado em um lugar onde se manifestou uma hierofania, ou 2) ele pode ter sido alguém que detinha alguma função de prestígio social. A hipótese mais favorável no momento considera esse indivíduo em relação com esse lugar ainda em vida (Gener Basallote *et al.*, 2014).

O local escolhido para este enterramento é fundamental para a sua interpretação: colocado em uma ligeira elevação, com excelente visibilidade, na ponta de Cotinussa, poderia, sem dificuldade, ser observado pelo núcleo urbano na ilha de Eritéia.

Essa tumba monumental do século VI a.C., como comentamos anteriormente, se encontra afastada dos demais enterramentos e poços rituais fenícios. Veremos adiante que esse monumento foi resultado de um enorme esforço que mobilizou o coletivo urbano visando à manutenção da memória do morto. (Fig. 2)

Na esteira da questão da localização do monumento, é importante pontuar que esse se encontrava na divisão territorial entre os três santuários mais importantes de Gádir, o templo de Baal a Oeste, o templo de Astarté-Tinnit ao Norte e o templo de Melqart no extremo Sul. Além dos templos, o porto de Gádir também é creditado como estando na sua proximidade (Bernal Casasola *et al.*, 2019).

Em época púnica toda essa área passou por um grande processo de monumentalização. Infelizmente devido às reestruturações em época romana a configuração original foi bastante afetada (Gener Bassallote *et al.*, 2014, p. 140). Do monumento que provavelmente se encontrava por cima da tumba nada restou, mas os autores afirmam que ali, possivelmente, deveria existir um monumento turriforme do tipo / *nefesh*⁴ / nbš / npš / ou / bnšb / bnbšy⁵ (cf. Pardee, 2009). Os monumentos turriformes podem ser localizados desde o Levante até em área indígena de influência púnica no Norte da África (por ex. Dougga e Sabratha). (Fig. 3)

4. Alma física do morto que descansa em sua tumba.

5. Encontrado em diferentes formas no aramaico.

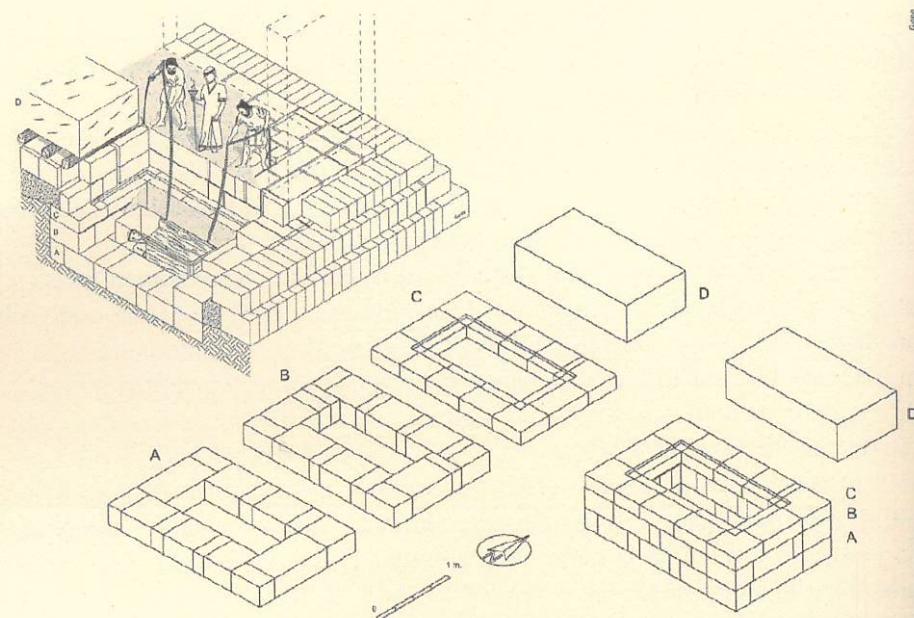


Fig. 2 - Reconstrução do processo construtivo do monumento funerário.
(Gener Basallote, 2014, p. 133).

Outra hipótese considera a tumba enquanto parte de uma estrutura maior podendo ter sido uma tumba-templo ou tumba altar (Gener Basallote *et al.*, 2014, 133). No entanto, essa segunda hipótese carece de maiores evidências.

Ainda dessa segunda fase, já em fins do século VI a.C. foi identificada uma série de galerias com o teto abobadado interpretadas como criptas. Os cômodos foram revestidos de gesso de composição idêntica aos vestígios identificados no monumento funerário. Pela abrupta mudança, acredita-se que em algum momento do período púnico essas galerias foram reformadas e se tornaram o porão de um edifício de maior envergadura (cf. Gener Basallote *et al.*, 2014, p. 141).

Domínguez-Bella *et al.* (2011, p. 308) afirmam que até o século III a.C., pela riqueza do enterramento (considerando os vestígios rituais e materiais), tudo leva a crer em um indivíduo heroicizado, ou mesmo divinizado. A partir de então, acredita-se que todo o conjunto passou a integrar essa sacralidade, possivelmente de maneira cônica, dada a presença das criptas.

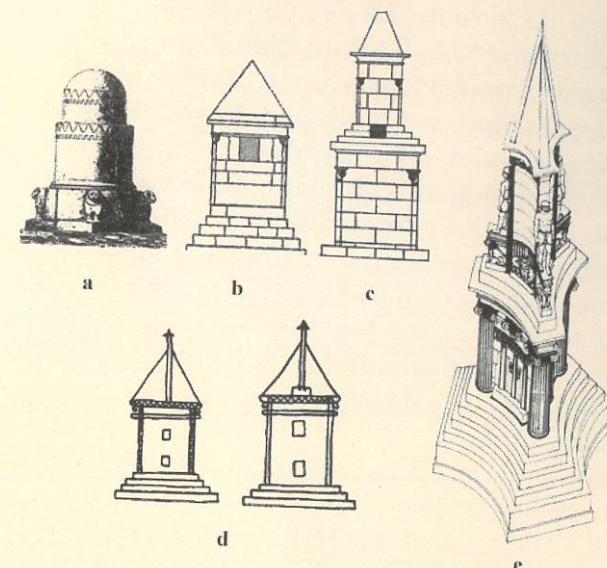


Fig. 3 - Alguns monumentos turriformes do mundo fenício-púnico: a) monumento funerário da necrópole de Amrit (Ciasca, 1999, p. 181); b) monumento púnico de Ksar Chenane, região de Mogods, Túnis (Prados Martínez, 2003, p. 209); c) monumento de Henchir Djaouf, Zaghouan, Túnis (Prados Martínez, 2003, 209); d) Decoração do hipogeu número 8 de Jebel Mlezza, Cabo Bon (Prados Martínez, 2003, p. 209); e) reconstrução do mausoléu neopúnico em Sabratha (Garbini, 1999, 55).

La noche de la tumba

Na primeira parte de seu artigo, Gener Basallote *et al.* (2014) afirmam que o saque da tumba do antigo palácio episcopal foi uma das maiores perdas do patrimônio da cidade. Desde o começo das escavações tentou-se encontrar o paradeiro das peças perdidas. Tão problemática foi a questão do roubo do sítio que a própria equipe considerou a trajetória digna do primeiro capítulo de uma novela. Por meio de uma série de entrevistas descobriu-se que os supostos saqueadores denominaram o acontecimento como *la noche de la tumba*.

O enterramento havia sobrevivido intacto durante séculos, sendo respeitado em época romana, passou sem ser percebido durante a ocupação dos árabes, resistiu à construção do palácio episcopal, mas bastou uma pequena obra de saneamento em 1964 para o monumento ser descoberto e saqueado (2014, p. 134). O enterramento foi descoberto em uma manhã de 1964 e seu roubo foi previamente planejado.

Os espoliadores, dentre eles, um representante da igreja, o chefe de obras, um joalheiro da cidade e um operário esperaram anoitecer para realizar o saque. Dias após o ocorrido o operário responsável por realizar a exumação – e que

levou a pior parte do espólio – caiu de um andaime e veio a falecer. Gener Basallote *et al.* lamentam a morte desse último, já que ele poderia ter sido o que mais facilmente repassaria algum tipo de informação.

Sobre os descendentes dos outros saqueadores, os autores (2014, p. 134) ironicamente afirmam que deles – apesar do delito e explicada a importância dos dados perdidos – só conseguiram *un silencio sepulcral (nunca mejor dicho)*. É importante lembrar que o enterro, depois do episódio, voltou a ser ocultado e só foi escavado arqueologicamente em 1998 pelo arqueólogo municipal José María Gener Basallote e sua equipe (Domínguez Bella *et al.*, 2011, p. 308).

Já durante sua escavação, a massa óssea do cadáver estava em condições muito degradadas, algo comum em Cádiz devido aos altos níveis de umidade e salinidade da região. Além desse fator, quando em uma cripta, a decomposição aumenta consideravelmente.

Não se encontrou nenhuma peça dental dentro da tumba de Obispo provavelmente devido ao saque dos restos do crânio e dos dentes (Gener Basallote *et al.*, 2014, p. 134; Perea *et al.*, 2004, p. 233).

Os espaços do monumento

A câmara funerária

A estrutura sofreu grandes alterações; no entanto, Gener Basallote *et al.*, (2014), conseguiram compreender o processo construtivo do monumento. Para os autores existiu uma planificação prévia, muito bem conduzida. Nada foi feito às pressas; o terreno foi preparado e escavado até a rocha para o preparo da cista⁶. Todo o conjunto foi coberto por silhares⁷ e *in situ* todas as imperfeições foram corrigidas. (Fig. 4).

Posteriormente a câmara recebeu um tratamento em gesso interpretado pelos autores como uma tentativa de se criar um lugar simbólico onde o morto estivesse imerso em um espaço asséptico, uniforme e neutralizado, muito provavelmente baseando-se em hipogeus púnicos encontrados pelo Mediterrâneo (Gener Basallote *et al.*, 2014, p. 130).

Os autores acreditam que a tumba foi construída dentro de uma concepção homogênea do espaço que reflete uma *sacralidad cósmica* (Gener Basallote

6. Denominação de um tipo de sepultura no mundo mediterrâneo; formada por quatro lajes, colocadas verticalmente e sobrepostas por outra pedra horizontal como tampa. No interior eram colocados os restos mortuários. Do original grego κίστη,ης (ή) (Florenzano *et al.*, 2015, p. 57).

7. É o nome dado à rocha lavrada em formato retangular utilizada para o revestimento de paredes, mencionado por Vitrúvio como *opus isodomum* quando cuboide (Vitrúvio, 2.5).

et al., 2014, p. 130). O espaço interior tem 260 cm de comprimento, 110 cm de largura e 130 cm de altura. Em seu interior, indícios de madeira sugerem orifícios cheios de areia de duna, dos quais ainda se desconhece o significado e a funcionalidade (Perea *et al.*, 2004, p. 233) Por fim, a tumba foi tampada com uma cobertura monolítica de 310 cm de comprimento, 165 cm de largura e 80 cm de altura (Gener Basallote *et al.* 2014, p. 131).

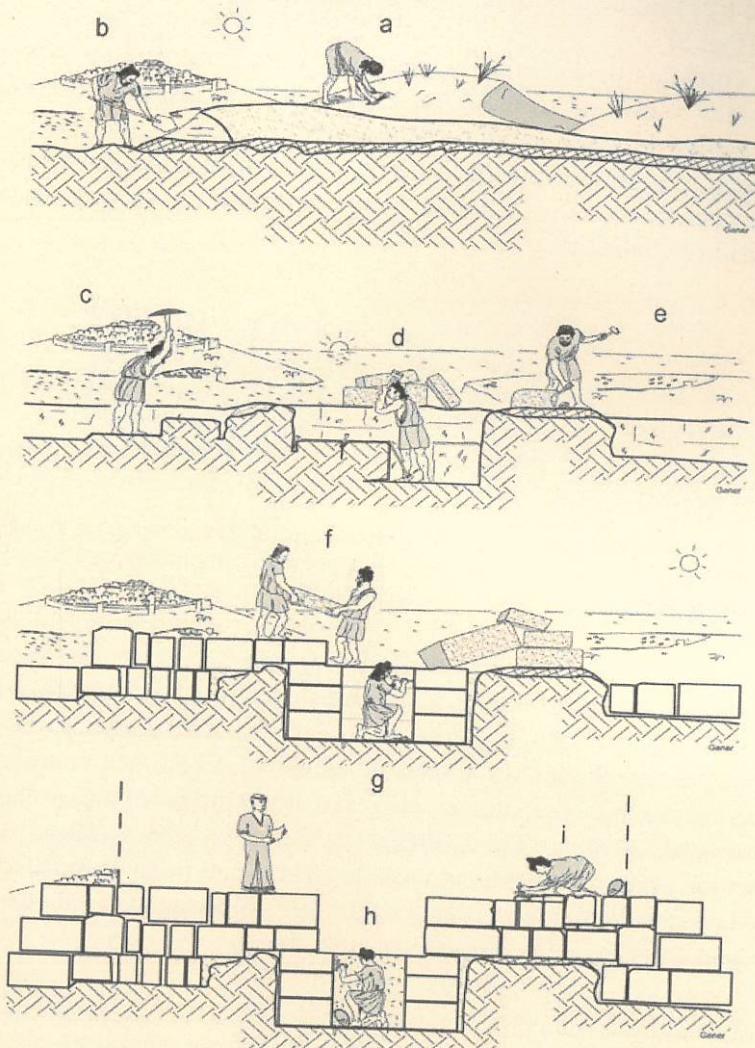


Fig. 4 - Processo construtivo do monumento funerário de Obispo.
(Gener Basallote *et al.*, 2014, p. 131).

O mobiliário funerário

Uma série de microestruturas encontradas no interior do enterramento deram condições para uma interpretação mais profunda sobre as práticas mortuárias fenício-púnicas. Perea *et al.*, 2004 afirmam que por meio de análises microscópicas, pequenos fragmentos de duas lâminas de ouro, uma lisa e outra em zigue-zague, poderiam indicar seguidamente: 1) um sistema de fixação em algum fio e 2) tiras de dobragem ou frisos sobre um tecido (Perea *et al.*, 2004, p. 240). (Fig. 5)

Os vestígios de madeira encontrados dentro da câmara reforçam a suntuosidade desse enterramento. Descobriu-se que a madeira utilizada fazia parte do gênero de coníferas conhecido como *Afrocarpus gracilior*, originárias das florestas do Sudão e da Etiópia. Muito provavelmente, para além do dispêndio em ser levado até a Península Ibérica, também tenha sido escolhida dada a sua durabilidade e qualidade.

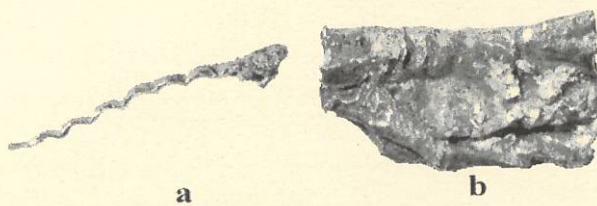


Fig. 5 - Lâminas de ouro encontradas no enterramento. a) lâmina em zigue-zague, 3cm de comprimento e 0,5mm de largura; b) lâmina lisa, 4mm de comprimento e 1mm de largura. PEREA, 2004, p. 329; adaptado por R. Lima 16/10/2015.

Graças a um descuido dos saqueadores, uma das peças mais importantes do mobiliário funerário foi poupar. Trata-se de um anel signatário de 2,4cm de diâmetro pesando 10,5gr. (Perea, *et al.*, 2004, p. 233) com desenho de dois golfinhos acompanhados de uma composição arquitetônica complexa com cilindros laterais, flores de lótus, rosetas e um aro formado por um cordão (Gener Basallote *et al.*, 2014, pp. 138-139) (Fig. 6). Pelo grau de desgaste se supõe que deva ter sido usado continuamente pelo indivíduo enterrado. Perea *et al.* (2004, p. 238-239) consideram este objeto como uma importação devido ao grau de purificação do ouro, incomum na Península Ibérica⁸.

8. Outro trabalho importante que estuda, por meio de análises microscópicas, os artefatos em ouro na Península Ibérica é a obra *El proyecto AU: Estudio Arquiométrico de la producción de oro en la península ibérica* (2010) onde se encontra a versão integral da microanálise desse objeto.

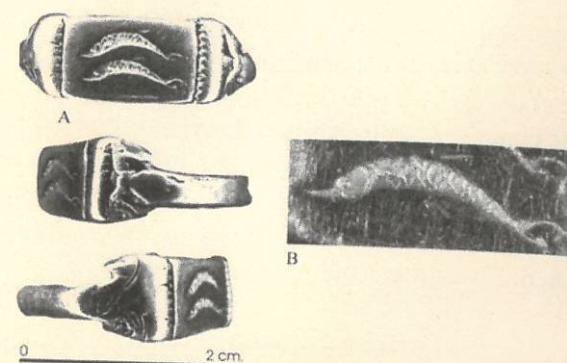


Fig. 6 - Anel pertencente ao conjunto do monumento funerário. A – Vistas frontais e laterais; B – detalhe do golfinho inferior. (Departamento de Física e Química da Universidade de Cádiz) Gener Basallote *et al.*, 2014, p.139.

Podemos afirmar que, pelo estado de degradação, seu uso foi contínuo durante gerações: no mínimo duas e no máximo três (Perea *et al.*, 2004, p. 241; Gener Basallote *et al.*, 2014, p. 140). Essa continuação pode ser interpretada como um cargo que passou de geração em geração, possivelmente de um sacerdote ou sacerdotisa, um *kōhe / khn* ou uma *kohenet / khnt*; ou mesmo um sacerdote-mor ou sacerdotisa-mor, *rab kohem / rb khnm* ou uma *rab kōhenet / rb khnt* (Krahmalov, 2000, p. 439).

Os rituais

Como comentado anteriormente, no fundo da câmara, duas cavidades, com areia vertida muito limpa, foram encontradas antes da deposição do ataúde. Gener Basallote *et al.* (2014, p. 136) reconhecem a areia como um elemento ritual comum na necrópole púnica de Gádir e em outras necrópoles do mundo fenício-púnico. Já sobre as pequenas lâminas de ouro detectou-se nelas a presença de componentes de gordura vegetal e animal. Esse poderia ser, segundo os responsáveis, o líquido que unguiu e embalsamou o morto antes de seu sepultamento. Mesmo sendo difícil inferir sobre quais foram os ingredientes utilizados, pode-se supor que continham o azeite de oliva, o qual tem a produção bem documentada na Baía de Cádiz durante a Antiguidade.

Moléculas de *Jasminum officinale* assim como orégano, cannabis, pimenta negra ou canela também foram encontradas. Os autores interpretam que a unção *post-mortem* tinha dois papéis durante os ritos funerários: 1) o caráter de limpeza corporal pela preservação e higiene para mascarar a decomposição e 2) o caráter

de purificação espiritual. O perfume seria elemento etéreo para o indivíduo ter o cheiro apropriado durante sua apresentação perante as divindades no pós-vida (Gener Basallote *et al.*, 2014, 136).

É importante comentar que as lâminas de ouro continham também estratos de pigmentação violácea. Após a análise cromatográfica, uma série de moléculas provenientes do *murex trunculus* foram encontradas, o que sugere que o cadáver estaria envolto em tecidos banhados em púrpura (Gener Basallote *et al.*, 2014, p. 138), a cor pela qual os gregos definiam os fenícios.

Os fenício-púnicos e a morte

Para os fenícios a tumba seria um local sagrado onde o morto não deveria ser perturbado pelos vivos e protegido dos espíritos malignos. Na crença canaanita a alma é formada por dois elementos: o *nefesh*, a alma física que sempre residirá em sua tumba, e a alma espiritual, o *barlat*, esse que abandonaria o mundo terreno para o Além (Maestre, 2010, p. 124). Segundo Ribichini (2005, p. 1) para se referir tanto ao local quanto à duração do estado de morte, a epigrafia fenício-púnica utiliza o termo '*lm / Ll̄m*' (Krahmalkov, 2001, p. 14) compreendido como eternidade. Esse termo é bem documentado no sarcófago do rei ⁹/ *hrm* / Ahiram¹⁰ / encontrado por Pierre Montet em 1921 na necrópole de Biblos que remonta ao final do século XIII a.C. (Fig. 7). O sarcófago foi preparado por seu filho Itobaal deduzindo-se que o túmulo foi feito para colocá-lo na eternidade [...] *egli lo pose nell'eternità(...)]* (Ribichini, 2005, p. 1). Posteriormente, no Norte da África durante o período helenístico, conhecemos a expressão / *llm* / variante neopúnica da anterior.

9. Segundo Florenzano (2015, p. 58), o sarcófago era o invólucro mortuário fabricado para conter a esqueleto. Muito diferentemente do caixão (mais simples) a estrutura era sofisticada, feita em pedra ou mesmo madeira e no geral recebia esculturas em relevos ou pinturas com mensagens sobre o indivíduo morto e sua trajetória de vida. Podiam ter tampa esculpida e trazer inscrições identificando o morto ou com dizeres.
10. Importante enfatizar que o Brasil recebeu em 1967 a única cópia em gesso do mesmo sarcófago oferecido pelo governo do Líbano à USP. Hoje essa cópia encontra-se disponível no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Sobre esse sarcófago indicamos a leitura do artigo *O sarcófago do rei AHIRAM de Biblos* escrito pelo Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula (1967).

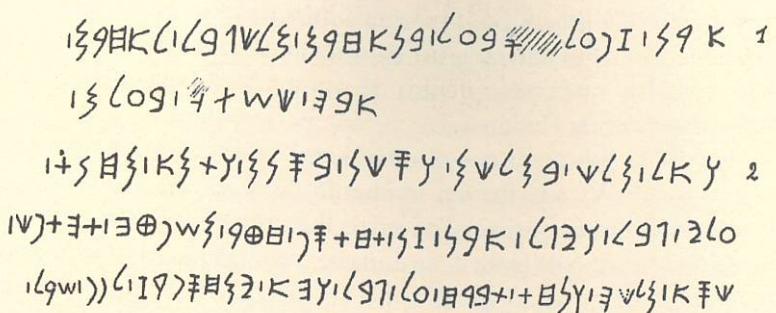


Fig. 7 - Inscrição do sarcófago de Ahiram. Cópia feita depois da estampagem. Dussaud, 1924, p. 18. Adaptado por Lima, 2018.

Segundo a interpretação de (Dussaud, 1924, p. 136) lê-se:

1. [Ipphe] sba'al, fils d'Ahiram, roi de Gebal, a fait ce sarcophage pour Ahiram, son père, comme sa demeure pour l'éternité.

2. Et s'(il est) un roi parmi les rois, ou un gouverneur parmi les gouverneurs, qui dresse le camp contre Gebal et qui découvre ce sarcophage sous le dallage, Hator (sera) son juge: le trône de son roi se renversera et la destruction fondera sur Gebal tandis que lui (le profanateur) effacera cette inscription à l'entrée (?) de l'Hades(?)

Maestre afirma que, para os púnicos, ter uma sepultura era a única maneira de não ser esquecido (Maestre, 2010, p. 124). Por mais que a identidade de alguns tenha se perdido para sempre, seja por processos culturais ou naturais (Schiffer, 1983), ainda é possível perceber o impacto da morte de alguns na criação de lugares sagrados, esses que assim continuam até nossos dias, como o monumental enterramento da Casa Del Obispo.

Discussão

Van Dyke e Alcock (2003, p. 3) consideram que os indivíduos se lembram ou esquecem sobre o passado, de acordo com suas necessidades. Dessa maneira a memória tende a ser um processo de construção contínua. Para essas autoras a memória não seria o reflexo do passado, mas sim um conjunto selecionado de elementos reconstruídos. Os comportamentos, rituais, narrativas, representações e objetos formam a materialização do espectro da memória. Esses elementos têm forte relação com a paisagem, como se pode observar em marcos naturais, monumentos, tumbas e em outros lugares embebidos de significação (Van Dyke e Alcock 2003, p. 5).

Sem dúvida podemos afirmar que o indivíduo enterrado no túmulo de Obispo possuía uma posição de prestígio dentro da organização da sociedade

gadirita para ser relembrado. Dessa forma a importância de sua *persona social* é atestada pela monumentalidade do enterramento e o pequeno conjunto de mobiliário funerário que restou dentro de sua tumba e pela sua separação do restante da necrópole de Cotinussa.

O contexto da época em que o indivíduo é enterrado também merece ser pontuado. O século VI a.C foi um momento de crise em que acontece uma reestruturação econômica e espacial no sul da Ibéria causado por diversos fatores: 1) o colapso do comércio da prata dada a sua desvalorização. Há uma interrupção da extração da prata no interior das terras (Aubet, 2001, p. 288); 2) a pressão assíria sobre as cidades fenícias levando-as a perder sua autonomia política e a gestão sobre sua rede comercial (Moscati, 1999, p. 45; Kormikiari, 1994, p. 8); 3) a perda de força da monarquia fenícia frente ao domínio babilônico, que passa a escolher seus monarcas, e 4) em 564 e 556 a.C. Tiro é a primeira cidade a adotar uma forma de governo republicano liderado por / šptym / sufetes / *Shopetim* / (Moriggi, 2011, p. 84; Moscati, 1999, p. 44).

Assim as fundações fenícias no sul da Ibéria que extraíam recursos argentíferos foram obrigadas a se reestruturarem e intensificarem sua exploração agrária para sua sobrevivência (López Castro, 1995, p. 56).

Assim, consideramos esse enterramento como um elemento ativo na formação da paisagem do assentamento fenício estando: 1) próximo ao mar e possivelmente sendo avistado pelas embarcações; 2) em uma área divisória entre os três templos mais importantes, de Baal, Astarté-Tinnit e Melqart; e 3) muito provavelmente visível da ilha de Eritéia, a depender de sua altura e composição.

A obra de Arthur Saxe pontua diversas hipóteses sobre a questão da dimensão social das práticas mortuárias. Para nós, seria interessante pensarmos o monumento de Obispo aplicando a análise de sua oitava hipótese: isto é, o monumento como um marcador territorial:

Since effective agnation is a response to ecological factors, and ancestor-centered dogma a reinforcement of agnation, we have hypothesized a direct link between ecosystem factors and treatment of the dead (who are the ancestors) as mediated by cultural practices such as inheritance rules (Saxe, 1970, p. 121).

O que Saxe trata enquanto “fatores do ecossistema” pode ser atualizado em termos de lugar e paisagem se fizermos uma leitura que considere os recentes desenvolvimentos teóricos pós-processualistas sobre o tema.

Com base nessa consideração, entendemos que o enterramento desse indivíduo de grande prestígio é capaz de estabelecer uma área de domínio do seu grupo. Isso acontece em um momento de reestruturação dos assentamentos

fenícios do Sul frente à hostilidade dos povos locais que também passavam por transformações dada a ruptura do sistema de trocas vigente.

Os vestígios arqueológicos de uma presença indígena tartésica em ambiente insular nesse período são incipientes se comparados aos artefatos líticos indígenas, encontrados no mesmo sítio e em outras áreas próximas, em momentos iniciais (c. 820/800 a.C.).

Durante a crise do século VI ocorreram diversos êxodos. A colina de Toscanos é um exemplo. Esta apenas voltou a ser ocupada durante o período imperial romano. (Aubet, 2001, p. 288). Outro ponto que merece atenção se relaciona ao tipo de enterramento. Ao contrário do Oriente, a cremação é a prática mais comum durante época arcaica até o século VI a.C., não se conhecendo em Gádir nenhum registro de inumação antes desse período. (Perea et al., 2004, p. 233). O enterramento do indivíduo na *Casa del Obispo* ocorreu em um momento de transição quando a inumação se estabeleceu em Gádir. Dessa forma, a *persona social* do morto poderia ter sido relevante na escolha desse tipo de enterramento para o restante da população (Perea et al., 2004, p. 233) ou pelo menos para o grupo representado por ele.

Considerações finais

A *Casa del Obispo* revela que a *persona social do morto* pode ser identificada na construção monumental de sua tumba e dos esforços em trazer um mobiliário funerário de lugares distantes. Sua memória foi respeitada, enaltecida e tão consolidada que sobreviveu até nossos dias em uma das áreas sagradas da cidade de Cádiz. A antiga residência episcopal com extensão de 2.300m² se localiza em uma área conhecida do *Barrio de El Pópulo* como *Entre Catedrales Vieja e Nueva*. (Gener Basallote et al. 2014, p. 123).

Cabe relembrar também o contexto da monumentalização da tumba ocorrido no século VI a.C., considerado no Extremo Ocidente como um momento de crises e mudanças que divide o período fenício inicial em um segundo momento de considerável autonomia e criação de uma nova identidade.

Dessa forma, podemos entender esse enterramento como um elemento ativo na paisagem gadirita. Também cabe reforçar seu papel estratégico visto que se encontraria próximo ao mar, ao porto e na confluência de três importantes templos. Assim seria possível observá-lo das demais ilhas e possivelmente das embarcações que se aproximavam de Gádir. Nessa perspectiva a oitava hipótese de Saxe, que pensa os monumentos funerários enquanto marcadores territoriais, não pode ser descartada. Esse tipo de tratamento dado ao morto poderia estabelecer uma área de domínio de um grupo nesse momento turbulento

das reestruturações que aconteciam na Ibéria fenícia (Perea *et al.*, 2004, p. 233). Se não apenas de um indivíduo, o monumento poderia acolher e enaltecer um determinado grupo social, estabelecendo o domínio de um grupo sobre uma importante paisagem simbólica para além das Colunas de Héracles, que tão bem se integrou às cosmologias gregas e latinas.

Referências bibliográficas

Fontes textuais

- HESÍODO. *Teogonia*. (Tradução de JAA Torrano). São Paulo, Iluminuras, 2000.
- PAUSANIAS. *Pausanias Description of Greece*. London, Harvard University Press; William Heinemann, 1918.
- PINDAR. *Odes*, Pindar. Perseus Project 1.0. Diane Arnsen Svarlien 1990. Yale University Press, 1994 <perseus.tufts.edu>, acessado em 14/08/2021
- PLATO. *Plato in Twelve Volumes*, Vol. 9 translated by W.R.M. Lamb. Cambridge, Mass; London, Harvard University Press; William Heinemann, , 1925.
- STRABO. *The Geography of Strabo*. Literally translated, with notes, in three volumes. London: George Bell & Sons, 1903.

Bibliografia

- AUBET, M. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
- BERNAL CASASOLA, *et al.* Um cambio de paradigma paleotopográfico en Gadir-Gades. Geoarqueología de profundidad en su estrecho interinsular (canal Bahía-Caleta). *Archivo Español de Arqueología*. 94, e02, 2021 pp. 1-30
- CIASCA, A. Phoenicia. Em Moscati, Sabatino (org.). *The Phoenicians*. New York, Rizzoli, 1999.
- DOMÍNGUEZ BELLA, S.; MARCH, R. J.; GENER, J. M.; MARTÍNEZ, J. *Análisis de restos orgánicos de la tumba púnica de la Casa del Obispo, Cádiz. Reconstruyendo la memoria fenicia en el Occidente del Mediterráneo. Análisis de restos orgánicos de la tumba púnica de la Casa del Obispo, Cádiz: reconstruyendo la memoria fenicia en el Occidente del Mediterráneo*. Em J.C. Dominguez Gadir y el Circulo del Estrecho Revisados. Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, 2011, p. 307-319.

- DUSSAUD, R. Les inscriptions phéniciennes du tombeau d'Ahiram, roi de Byblos. *Syria*, 1924, p. 135–157.
- FLORENZANO, M. B. B; HIRATA, E. F. V; PUCCINI,D. B; LIMA, R. A. *A cidade grega em imagens: um glossário ilustrado*. São Paulo, Labeca-MAE, Universidade de São Paulo, 2015.
- GARBINI, G. The Phoenicians in the Western Mediterranean (through to the Fifth Century B.C.). Em Moscati, S (org.). *The Phoenicians*. New York: Rizzoli, 1999. p. 121-132.
- GENER BASALLOTE, J. M; JURADO FRESNADILLO, G; PAJUELO SÁEZ, J. M.; TORRES ORTIZ, M. *El proceso de sacralización del espacio en Gadir: el yacimiento de la Casa del Obispo (Cádiz). Parte I. Los Fenicios en La Bahía de Cádiz. Nuevas investigaciones*. Collezione di Studi Fenici, v. 46, p. 123–155, 2014.
- KORMIKIARI, M. C. N. *Moedas púnicas em coleções brasileiras: iconografia e circulação*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994.
- KRAHMALKOV, C. *A Phoenician Punic Dictionary*. Louvain, Peeters, 2000.
- KRAHMALKOV, C. *A Phoenician-Punic Grammar*. Leiden, Brill, 2001.
- LIMA, R. A. *As colunas de Héracles/Melqart no final da Idade do Bronze: O uso do SIG na compreensão da expansão fenícia em território tartésico a partir de Gádir (séculos IX ao VI a. C.)* Dissertação de Mestrado, MAE. Universidade de São Paulo, 2018.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. *Hispania Poena: los fenicios en la Hispania romana (206 ac-96 dc)*, Barcelona, Crítica, 1995.
- MAESTRE, A. A. El sarcófago antropomorfo femenino de época púnica: ¿Sacerdotisa de Gadir? Em A. M. N. Villedary; V. G. Fernández *Las Necrópolis De Cádiz: Apuntes De Arqueología Gaditana En Homenaje A Jf Sibón Olano* 2010, Cádiz: Servicio de Publicaciones, 2010. pp. 121-144.
- MORIGGI, M. Phoenician and Punic inscriptions in Museo di Antichità di Torino (Turin, Italia). *Egitto e Vicino Oriente*, v. 34, pp. 81-94, 2011.
- MOSCATI, S. *The Phoenicians*. New York: Rizzoli, 1999.
- PAULA, E. S. de. O sarcófago do Rei Ahiram de Biblos. *Revista de História*, 35, 72, pp. 321-327, 1967.
- PARDEE, D. A New Aramaic Inscription from Zincirli. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, n. 356: 51-71, 2009.

PEREA, A.; MONTERO, I.; CABRERA, A.; FELIÚ, M. J.; GAYO, M. D.; GENER, J. M.; PAJUELO, J. El ajuar de oro de la tumba fenicia del obispo, Cádiz. *Symposium Internacional sobre tecnología del oro antiguo: Europa y América*, 2004, p. 223-243.

PRADOS MARTÍNEZ, F. Memoria Del Poder. Los Monumentos Funerarios Ibéricos En El Contexto De La Arquitectura Púnico-Helenística. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, v. 28-29, 2003, pp. 203-226.

RIBICHINI, S. Sui riti funerari Fenici e Punici: tra Archeologia e Storia delle Religioni. Em A. González Prats (ed.) *El Mundo Funerario: Actas Del III Seminario Internacional Sobre Temas Fenicios, Guadamar Del Segura, 3 A 5 De Mayo De 2002: Homenaje Al Prof. D. Manuel Pellicer Catalán*. Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, 2005, pp. 43-75.

SAXE, A. *Social Dimension of Mortuary Practices*. 1970. Thesis. University of Michigan, 1970.

SCHIFFER, M. Toward the identification of formation processes. *American Antiquity*, 1983, pp. 675-706.

VAN DYKE, R. M.; ALCOCK, S. E. *Archaeologies of memory: an introduction*. *Archaeologies of memory*, v. 1, Malden: Blackwell, 2003, pp. 1-13.

ZAMORA LÓPEZ, J. A. et al. Epígrafes fenicios arcaicos en la excavación del Teatro Cómico de Cádiz (2006-2010) *Rivista di Studi Fenici* 38, 2, 2010, pp. 203-236.

‘Caminhos e Fronteiras’: os espaços sagrados na posse do território e na integração das populações anelênicas

DANILO ANDRADE TABONE (*In Memoriam*)¹

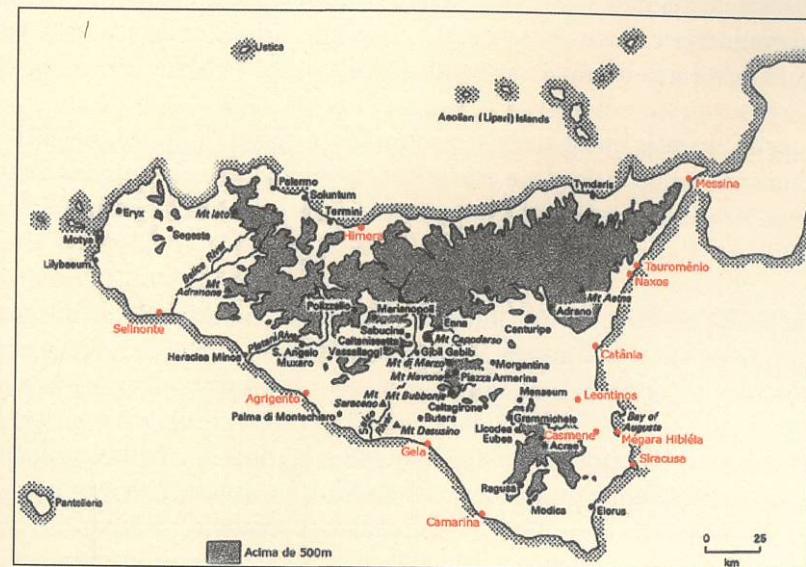


Fig. 1 - A Sicília Antiga (a partir de Ross Holloway, 2000, p.44; adaptado por Regina H. Rezende).

- Este texto faz parte dos resultados de pesquisa apresentados em dissertação de Mestrado defendida por Danilo Andrade Tabone em 3 de junho de 2013, sob orientação da Professora Elaine Farias Veloso Hirata e intitulada: *Paisagem sagrada e paisagem política: os espaços sagrados de Gela, Sicília*. Trata-se de conclusões a partir de um corpus documental extenso que pode ser acessado no Portal de Teses da USP, disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-11042013-142930/en.php>>. Danilo Tabone foi pesquisador brilhante e membro ativo do Labeca até o seu falecimento prematuro em 2015. O texto foi revisado pela orientadora, atualizado com inserção de novas informações, interpretações e referências e editado a fim de adequar-se ao formato de capítulo de livro, trabalho feito por Maria Beatriz Borba Florenzano.
Vale destacar que a contribuição de Danilo Tabone nesta dissertação agrega com originalidade à interpretação da organização espacial da cidade grega, mesmo em relação a trabalhos mais recentes como Buckingham, 2019.